Drácula

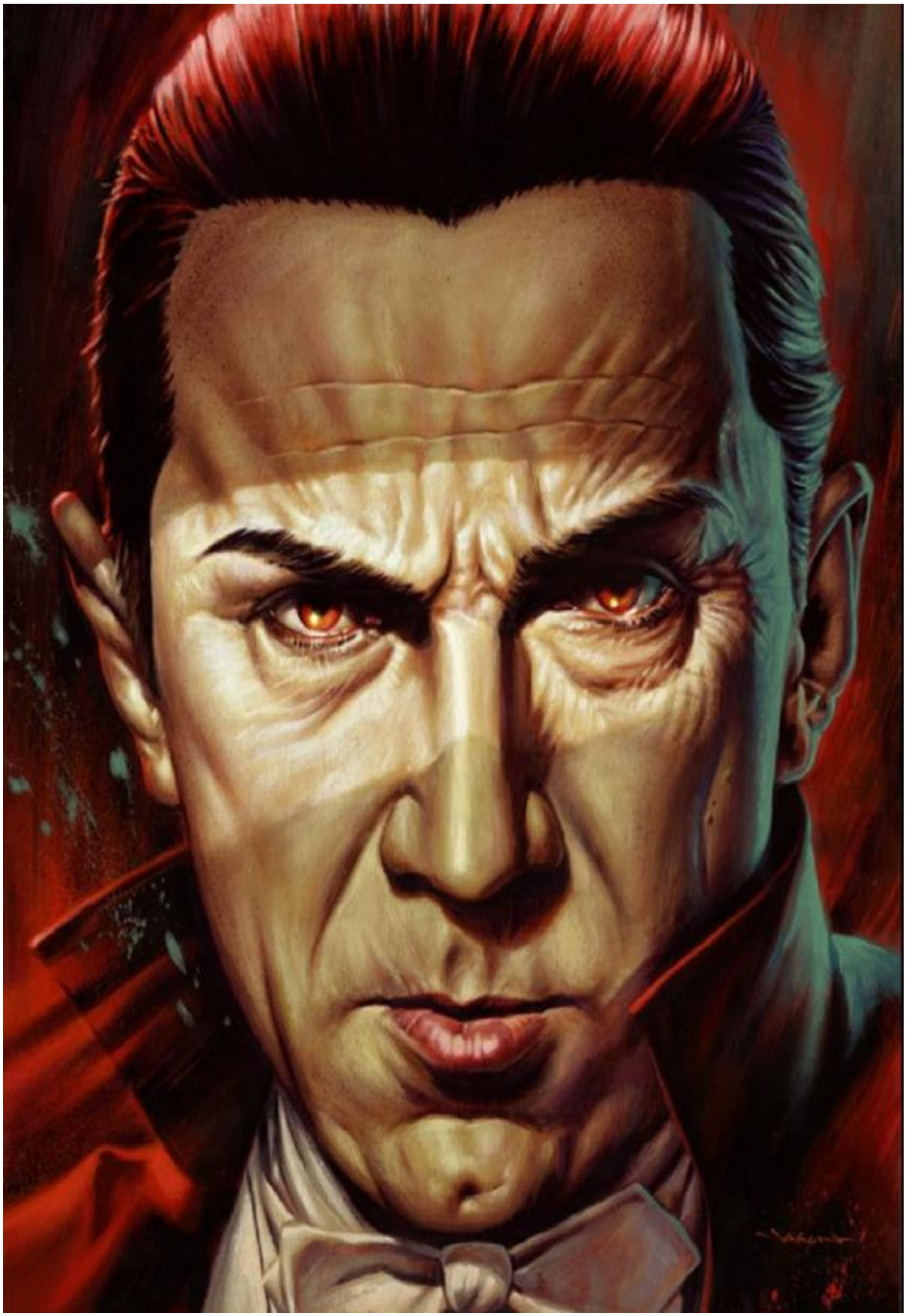
Bram Stoker

Capa/Arte: CIA Artes
Autor: Bram Stoker
Edição: Clássicos Editora



Clássicos Editora tem como objetivo deixar livros acessíveis a todos os tipos de leitores em formato digital.

Fundado em janeiro de 2018, a Clássicos Editora vai editando e lançando livros que fizeram história em nosso país e mundo, levando diversão e entretenimento á todos que o adquirem.



Capítulo 1

DIÁRIO DE JONAT HAN HARKE R *(TA QUIGR A FA DO)*

3 de maio. Bistrita — Parti de Munique às 8h35 da noite, no dia 1º de m aio, e cheguei a Viena no dia seguinte, de m anhã cedo; deveria ter chegado às 6h46, m as o trem atrasou um a hora. Budapeste parece um lugar m aravilhoso, pela vista rápida que tive do trem , e pelo pouco que pude andar pelas ruas. Tive um certo receio de m e afastar m uito da estação, pois chegam os atrasados e, na m edida do possível, partiríam os na hora certa. A im pressão que tive foi a de estar deixando o Ocidente e entrando no Oriente; das esplêndidas pontes sobre o Danúbio, que aqui é bastante largo e profundo, a que fica m ais a oeste levou-nos até o dom ínio dos turcos, com seus costum es e tradições.

Partim os quase na hora certa, e chegam os a Klausenburgo após o cair da noite. Passei a noite naquela cidade, no Hotel Roy ale. Ali j antei, ou m elhor, ceei galinha preparada com pim enta verm elha, e o prato estava ótim o, em bora desse m uita sede. (*Nota:* conseguir a receita para Mina.) Perguntei ao garçom , e ele disse que se cham ava *paprika hendl*; a receita, por tratar-se de um prato típico do país, eu poderia conseguir em qualquer lugar nas proxim idades dos Cárpatos. Minhas noções superficiais de alem ão se tornaram m uito úteis aqui; na verdade, não sei como me arranjaria sem elas.

Com o tinha algum tem po livre quando estava em Londres, visitara o Museu Britânico, e consultara, na biblioteca, os livros e os m apas referentes à Transilvânia. Ocorrera-m e que algum conhecim ento prévio sobre a região provavelm ente m e seria útil para lidar com um nobre do local. Descobri que o distrito por ele m encionado fica no extrem o leste do país, na fronteira de três estados — Transilvânia, Moldávia e Bucovina —, no m eio dos m ontes Cárpatos. Trata-se de um dos lugares m ais inóspitos e m enos conhecidos da Europa. Não consegui descobrir através dos m apas e livros a localização exata do Castelo Drácula, pois ainda não há m apas dessa região com paráveis aos nossos; descobri que Bistrita, a cidade de distribuição de correspondência da região, m encionada pelo conde Drácula, é um lugar bastante conhecido. Registrarei aqui algum as de m inhas anotações, pois podem m e refrescar a m em ória quando conversar com Mina sobre m inhas viagens.

A população da Transilvânia se com põe de quatro nacionalidades distintas: os saxões ao sul, j unto com os valáquios, descendentes dos dácios; os m agiares a oeste; e os *szeklers* a leste e norte. Dirij o-m e para o m eio destes últim os, que

alegam descender de Átila e dos hunos. Talvez isso sej a verdade, pois quando os m agiares conquistaram a região, no século XI, encontraram os hunos ali estabelecidos. Li que todas as superstições existentes no m undo reúnem -se nos Cárpatos, com o se ali estivesse o centro do redem oinho da im aginação; se for verdade, m inha estada talvez venha a ser bastante interessante. (*Nota:* preciso perguntar ao conde tudo o que sabe a esse respeito.)

Não dorm i bem , em bora m inha cam a fosse suficientem ente confortável, pois tive vários sonhos estranhos. Um cão uivou a noite toda sob m inha j anela, e isso talvez tenha tido algum a relação com os sonhos; ou talvez tenha sido a páprica, pois tive que beber toda a água de m inha garrafa e continuei com sede. Adorm eci quando j á raiava o dia e fui despertado por batidas incessantes em m inha porta; acredito, portanto, que estivesse num sono profundo. Com i m ais páprica no café da m anhã, j unto com um a espécie de m ingau de farinha de m ilho que eles cham am de *mamaliga* e berinj ela recheada com carne picada e tem perada, prato delicioso cham ado *impletata.* (*Nota:* arranj ar essa receita tam bém .) Tive que tom ar m eu café da m anhã às pressas, pois o trem saía um pouco antes das oito — ou, m elhor dizendo, deveria ter saído, pois, depois de correr até a estação às sete e m eia, fui obrigado a ficar sentado durante um a hora em m eu vagão até que o trem com eçasse a se m over. Parece-m e que quanto m ais avançam os em direção ao Oriente, m enos pontuais são os trens. Com o serão eles na China?

Durante todo o dia parecíam os vagar por um a região de m uitas e variadas belezas. Às vezes víam os cidadezinhas ou castelos no topo de m orros íngrem es, iguais aos que vem os nos m issais antigos; às vezes m argeávam os rios e pequenos regatos que pareciam , a tom ar por suas m argens cheias de pedregulhos, ser norm alm ente invadidos por grandes enchentes. É preciso um volum e considerável de água e um a correnteza forte para varrer desse m odo as m argens de um rio. Em cada estação havia grupos de pessoas, às vezes m ultidões, traj ando as m ais variadas vestim entas. Alguns eram iguais aos cam poneses de nosso país ou àqueles que eu vira ao atravessar a França e a Alem anha, com j aquetas curtas, chapéus redondos e calças feitas em casa, m as outros eram bastante pitorescos. As m ulheres pareciam bonitas, desde que não as olhássem os de perto, m as tinham a cintura m uito grossa. As m angas de suas roupas eram brancas, bufantes, e a m aioria delas usava cintos grandes com um a porção de fitas presas, trem ulando com o saiotes de balé, m as sem dúvida usavam anáguas. Os tipos m ais estranhos que vim os foram os eslovacos, m ais bárbaros do que o resto, com seus enorm es chapéus de vaqueiro, suas calças largas cor de m arfim , suas cam isas brancas de linho e seus *cintos* de *couro* enorm es e pesadões, com quase trinta centím etros de largura e recobertos de tachas de m etal dourado. Usavam botas longas, com as calças enfiadas para dentro; tinham cabelos negros e longos, e bigodes fartos. São bastante pitorescos, m as não parecem prepotentes. Se fossem aparecer num palco de teatro, seriam tom ados im ediatam ente por um bando oriental de bandidos. São, porém , conform e fui inform ado, bastante inofensivos e têm bem pouca autoconfiança.

Já era noite quando chegam os a Bistrita, lugar antigo e m uito interessante. Situando-se praticam ente na fronteira — pois o passo de Borgo com eça ali e

term ina na Bucovina —, teve um a existência bastante tum ultuada, da qual é fácil observar que guarda m arcas. Há cinquenta anos houve um a série de grandes incêndios, que causaram um dano terrível, em cinco ocasiões diferentes. No com eço do século XVII, sofreu um cerco de três sem anas e perdeu 13 m il habitantes, pois as casualidades da guerra se faziam seguir pela fom e e pelas doenças.

O conde Drácula instruíra-m e a ir até o Hotel Golden Krone, que descobri ser em estilo antigo até nos m ínimos detalhes — o que me deixou muito satisfeito, pois naturalm ente desej ava conhecer o m áxim o possível dos costum es da região. Ficou claro que me aguardavam, pois quando me aproxim ei da porta deparei-m e com um a senhora de aspecto alegre, traj ando a roupa habitual das cam ponesas — vestido branco com um avental longo e duplo, na frente e atrás, de um tecido colorido, quase fugindo ao decoro de tão apertado. Quando m e aproxim ei, ela se inclinou e disse:

— O *Herr* inglês?

— Sim — disse eu —, Jonathan Harker.

Ela sorriu e fez um sinal a um hom em m ais velho, de cam isa branca, que a acom panhara até a porta. Ele se foi, m as logo em seguida voltou com um a carta:

Meu amigo,

Bem-vindo aos Cárpatos. Aguardo-o ansiosamente. Durma bem esta noite. Amanhã às três horas parte a diligência para Bucovina; há um lugar reservado para o senhor. No passo de Borgo, minha carruagem o estará aguardando e o trará até mim. Espero que sua viagem de Londres até aqui tenha sido agradável, e que o senhor aprecie a estada em minha bela terra.

Seu amigo,
Drácula

4 de maio — Descobri que o dono do hotel recebera um a carta do conde instruindo-o a garantir para m im o m elhor lugar na diligência. Quando fiz perguntas acerca dos detalhes, porém , pareceu-m e um tanto reticente, e fingiu não com preender m eu alem ão, o que não poderia ser verdade, pois até então ele m e entendera perfeitam ente. Pelo m enos respondera às m inhas perguntas com o se entendesse. Ele e a esposa, a velha senhora que m e recebera, trocavam olhares algo assustados. Resm ungou que o dinheiro havia sido enviado pelo correio, e que era tudo o que sabia. Quando perguntei-lhe se conhecia o conde Drácula e se poderia m e dizer algo sobre o castelo, ele e a m ulher fizeram o sinal da cruz, afirm ando que nada sabiam , sim plesm ente recusaram -se a dizer qualquer outra coisa a respeito. Já estava quase na hora da partida, de m odo que não tive tem po de perguntar a m ais ninguém ; tudo era m uito m isterioso e nada reconfortante.

Logo antes de eu partir, a senhora veio até o m eu quarto e disse, histérica:

— O senhor tem m esm o que ir? Ah, j ovem *Herr*, o senhor tem m esm o que ir?

Ela estava num estado tão exaltado que parecia ter perdido o dom ínio do

pouco alem ão que sabia, e o m isturava com algum a outra língua que eu desconhecia por com pleto. Só consegui acom panhar o que dizia fazendo-lhe várias perguntas. Quando lhe disse que devia partir im ediatam ente e que tinha negócios im portantes a tratar, ela voltou a perguntar:

— O senhor sabe que dia é hoj e?

Respondi que era 4 de m aio. Ela balançou a cabeça e repetiu:

— Ah, sim ! Isso eu sei! Isso eu sei, m as o senhor sabe que dia é hoj e? — Quando eu lhe disse que não estava com preendendo, ela prosseguiu: — É véspera do dia de São Jorge. O senhor não sabe que hoj e, quando o relógio bater à m eia-noite, todas as coisas m alignas do m undo terão poder absoluto? O senhor sabe para onde está indo e o que vai encontrar lá?

Ela estava tão evidentem ente angustiada que tentei reconfortá-la, m as sem sucesso. Finalm ente, a m ulher pôs-se de j oelhos e im plorou-m e que não fosse, ou que pelo m enos esperasse um dia ou dois antes de partir. Tudo aquilo era bem ridículo, e eu m e senti desconfortável. Havia negócios a tratar, porém , e eu não podia perm itir que algo interferisse. Portanto, tentei fazer com que ela se levantasse e disse, com o m áxim o de seriedade de que fui capaz, que lhe agradecia, m as que m eu com prom isso era im perativo e que eu tinha que ir. Ela se pôs de pé, então, e enxugou os olhos; tirando um crucifixo do pescoço, entregou-o a m im . Eu não sabia o que fazer, pois, sendo m em bro da Igrej a anglicana, fora educado para ver em tais coisas um a certa idolatria, e no entanto parecia indelicado recusar o presente de um a velha senhora que tinha tão boas intenções e que se encontrava num estado daqueles. Suponho que ela tenha visto a dúvida em m eu rosto, pois colocou o rosário em torno do m eu pescoço e disse:

— Por sua m ãe.

E saiu do quarto. Estou escrevendo esta parte do diário enquanto espero pela carruagem — que está, é claro, atrasada —, e ainda tenho o crucifixo em m eu pescoço. Se é devido ao m edo da velha senhora, ou às várias superstições deste lugar, ou ao próprio crucifixo, não sei, m as m inha m ente não está tranquila com o de hábito. Se este caderno chegar a Mina antes de m im , que lhe leve o m eu adeus. Eis a carruagem!

5 de maio. O Castelo — A névoa da m anhã j á se dissipou, e o sol está alto sobre o horizonte longínquo, que parece todo serrilhado; se são árvores ou colinas, não sei dizer, pois está tão distante que coisas grandes e pequenas se m isturam . Não tenho sono, e, com o não serei cham ado até acordar, naturalm ente escrevo até vir o sono. Há m uitas coisas estranhas a relatar, e, para que m eu leitor não ache que com i dem ais antes de partir de Bistrita, deixe-m e dizer o que exatam ente com i. Meu j antar consistiu naquilo que eles cham am de filé "ladrão" — pedaços de bacon, cebola e carne tem perados com pim enta verm elha, arrum ados em espetos e assados no fogo, no estilo sim ples dos espetos de carne londrinos. O vinho era o Golden Mediasch; produz um a curiosa ardência na língua que não é, contudo, desagradável. Só tom ei duas taças desse vinho, e nada m ais.

Quando m e sentei na carruagem , o cocheiro ainda não tom ara seu assento; vi-o conversando com a dona do hotel. Ficou evidente que falavam de m im , pois volta e m eia olhavam em m inha direção; algum as das pessoas que se sentavam

no banco exterior — designado por um nom e que significa "o portador de notícias" — aproxim aram -se e ficaram escutando, e depois olharam para m im , a m aioria com um a expressão de pena. Eu ouvia algum as palavras repetidas com dem asiada frequência, palavras esquisitas, pois havia m uitas nacionalidades reunidas ali. Sem fazer alarde, tirei m eu dicionário poliglota da valise e verifiquei seu significado. Devo dizer que não m e alegrou m uito, pois entre elas estavam *Ordog* — Satã, *pokol* — inferno, *stregoika* — bruxa, *vrolok* e *vlkoslak* — palavras com o m esm o significado, um a sendo o term o eslovaco e a outra o sérvio para um a espécie de lobisom em ou vam piro. (*Nota:* preciso perguntar ao conde sobre essas superstições.)

Quando partim os, as pessoas reunidas em torno da porta do hotel, agora em núm ero considerável, persignaram -se todas e apontaram dois dedos em m inha direção. Com algum a dificuldade, consegui fazer com que um outro passageiro m e dissesse o que significava o gesto; a princípio ele não queria responder, m as, ao saber que eu era inglês, explicou que era um a sim patia para se proteger do m au-olhado. Isso não m e agradou m uito, pois eu partia para um lugar desconhecido, onde encontraria um hom em desconhecido; m as todos pareciam tão gentis e tão pesarosos e tão solidários que acabei m e sensibilizando. Jam ais esquecerei a últim a visão que tive do pátio do hotel e sua m ultidão de figuras pitorescas, todas se persignando, reunidas sob o am plo arco cuj o fundo com punha-se das ricas folhagens dos oleandros e das laranj eiras que cresciam , em tinas verdes, no centro do pátio. Então, nosso cocheiro, cuj as am plas calças de linho cobriam todo o banco dianteiro da carruagem — cham avam -se *gotza* — açoitou com seu grande chicote os quatro cavalos pequenos e em parelhados, dando início à nossa viagem .

Logo a beleza da paisagem por onde passávam os dissipou aqueles m edos sobrenaturais de m inha m em ória — em bora, se eu com preendesse a língua, ou m elhor, as línguas que os outros passageiros falavam , não teria conseguido m e livrar deles tão facilm ente. Diante de nós havia encostas verdej antes com florestas, bosques e, aqui e ali, colinas íngrem es encim adas por grupos de árvores ou por casas de fazenda, a parede sem j anelas voltada para a estrada. Havia em toda parte um a atordoante profusão de flores nas árvores frutíferas — m acieiras, am eixeiras, pereiras, cerej eiras; enquanto nossa carruagem passava, pude ver a gram a verde sob as árvores coberta pelas pétalas caídas. Num vaivém entre essas colinas verdej antes da "Mirrel Land", com o aqui é cham ada, corria a estrada, desaparecendo num a curva em que ficava coberta de vegetação, ou interrom pendo-se nas bordas irregulares de um a floresta de pinheiros, que aqui e ali desciam pelas encostas das colinas com o se fossem labaredas. A estrada era acidentada, m as ainda assim parecíam os seguir com um a rapidez vertiginosa. Naquele m om ento, eu não com preendia o porquê dessa pressa, m as o cocheiro estava evidentem ente disposto a não perder tem po e chegar logo a Borgo Prund. Haviam m e dito que aquela estrada era excelente no verão, m as que ainda não fora restaurada após as nevascas do inverno. Nesse aspecto, é bem diferente do estado habitual das estradas nos Cárpatos, que pela tradição não costum am ser m uito bem -conservadas. Em tem pos idos, os potentados da Valáquia não as consertavam , para que os turcos não pensassem que estavam se preparando para

receber tropas estrangeiras e assim apressar a guerra, na verdade sempre iminente.

Para além das colinas verdejantes da Mirrel Land, erguiam-se vastas encostas dominadas pelas florestas, e acima delas as escarpas grandiosas dos Cárpatos. Elevavam-se à nossa esquerda e à nossa direita, e o sol da tarde avivava as cores maravilhosas daquela bela paleta, azul-escuro e púrpura nas sombras dos picos, verde e marrom onde se misturavam pedra e vegetação, e uma perspectiva infinita de rochas serrilhadas e penhascos pontiagudos que acabavam eles próprios sumindo na distância, onde os picos nevados se projetavam, majestosos. Aqui e ali, surgiam fendas enormes nas montanhas, através das quais, à medida que o sol começava a descer, víam os vez por outra o brilho alvo de uma queda-d'água. Um dos meus companheiros tocou meu braço quando fazíam os a curva ao pé de uma colina e nos deparávam os com a visão do pico majestoso e nevado de uma montanha, que parecia, enquanto serpenteávam os pela estrada, estar logo à nossa frente:

— Olhe! *Isten szek!* O Trono de Deus! — e ele se persignou, reverente.

Enquanto seguíam os por nosso caminho interminável, o sol baixava cada vez mais atrás de nós, e as sombras da noite começavam a nos rodear.

Essa impressão aumentava com o fato de o pico nevado da montanha ainda estar iluminado pelo sol e parecer brilhar com um delicado tom róseo. Aqui e ali passávam os por tchecos e eslovacos usando seus trajes pitorescos, mas notei que o bócio infelizmente era frequente ali. Junto à estrada havia muitas cruzes, e, quando passávam os por elas, meus companheiros todos faziam o sinal da cruz. Vez por outra havia um camponês ou camponesa ajoelhado diante de um altar, e nem mesmo se virava quando nos aproximávam os; parecia, tomado como estava pela devoção, não ter olhos nem ouvidos para o mundo exterior. Para mim, havia muitas novidades: por exemplo, montes de feno nas árvores, e aqui e ali grupos de bétulas em profusão, cujos troncos brancos brilhavam com o prata entre o verde delicado das folhas. De vez em quando passávam os por um *leiter-wagon* — a carroça normalmente usada pelos camponeses — com sua estrutura comprida e articulada, como a de uma cobra, calculada para adequar-se às irregularidades da estrada. Nessas carroças sempre havia um grupo bem grande de camponeses voltando para casa, os tchecos com suas vestes brancas feitas de pele de carneiro e os eslovacos com as suas roupas tingidas, estes últimos carregando como se fossem lanças suas aduelas compridas, com um machado na ponta. Com o cair da tarde, começou a fazer bastante frio, e o ocaso parecia mergulhar numa uniformidade negra e difusa os vultos sombrios das árvores — carvalhos, faias e pinheiros —, embora, nos vales que se alongavam bem abaixo dos picos das colinas, os abetos escuros se pudessem divisar aqui e ali contra o fundo coberto pela neve que ainda não havia derretido, à medida que subíam os em direção ao passo. Às vezes, quando a estrada atravessava os pinheirais que na escuridão pareciam se fechar sobre nós, grandes volumes de uma neblina cinzenta cobriam num ponto ou noutro as árvores, produzindo um efeito peculiarmente estranho e solene; assim, perpetuavam-se os pensamentos e as soturnas fantasias engendradas mais cedo, quando o poente fazia com que as nuvens fantasmagóricas que ali nos Cárpatos parecem deslizar incessantemente

por entre os vales parecessem estar em alto-relevo. Às vezes as encostas das colinas eram tão íngrem es que, apesar da pressa de nosso cocheiro, os cavalos só conseguiam seguir bem devagar. Eu quis descer e subir a pé a ladeira, com o fazem os em nossa terra, m as o cocheiro nem quis m e ouvir falar sobre isso:

— Não, não — disse ele. — O senhor não deve andar aqui, os cães são m uito ferozes.

E depois acrescentou, com a intenção evidente de fazer um a piada de hum or negro — pois olhou ao redor em busca do sorriso de aprovação dos outros:

— E é possível que o senhor ainda tenha que lidar com m uita coisa desse tipo antes de ir se deitar.

A única parada que fez foi para acender as lanternas, e não durou m ais do que um instante.

Quando escureceu, parecia haver um a certa agitação entre os passageiros, que não paravam de falar com o cocheiro, um após o outro, com o se insistissem para que ele se apressasse. O hom em açoitava os cavalos sem piedade com seu chicote com prido e, com gritos veem entes, estim ulava-os a fazer m ais esforço. Então pude ver, em m eio à escuridão, um a espécie de clarão cinzento à nossa frente, com o se houvesse um a fenda nas colinas. A agitação dos passageiros aum entou; a carruagem balançava m uito sobre suas grandes m olas de couro, oscilando feito um barco sacudido pela tem pestade. Tive que m e segurar. A estrada tornou-se m ais plana, e parecíam os voar sobre ela. Depois, as m ontanhas davam a im pressão de que se aproxim aram dos dois lados e se fecharam sobre nós: estávam os entrando no passo de Borgo. Um a um , os vários passageiros m e ofereceram presentes, e com tam anho fervor que não havia com o recusá-los; eram , sem dúvida, variados e estranhos, m as todos m e eram dados com sim plicidade e em boa-fé, acom panhados por um a palavra gentil e um a bênção, m ais aquela bizarra m istura de m ovim entos assustados que eu vira no exterior do hotel de Bistrita — o sinal da cruz e o gesto contra o m au-olhado. Então, conform e avançávam os, o cocheiro inclinou-se para a frente, e de am bos os lados os passageiros, esticando o pescoço sobre as beiradas da carruagem , perscrutavam com avidez a escuridão. Era óbvio que algum a coisa m uito notável estava acontecendo, ou prestes a acontecer, m as, em bora eu fizesse perguntas a todos os passageiros, nenhum deles m e dava a m enor explicação. Aquele estado de agitação durou algum tem po, e afinal vim os o fim do desfiladeiro, à direita. Nuvens escuras rolavam no céu, e o ar estava tom ado por aquela opressiva e pesada am eaça de tem pestade. Parecia que as m ontanhas haviam dividido o céu em duas m etades, e agora havíam os penetrado na atm osfera tem pestuosa. Eu próprio estava olhando ao redor à procura do transporte que haveria de m e conduzir ao conde. A cada m om ento eu esperava ver o brilho de lanternas na escuridão, m as nada via. A única luz vinha das cham as trem eluzentes de nossas próprias lanternas, sob cuj os raios a respiração ofegante dos cavalos extenuados form ava nuvens pálidas. Podíam os ver agora a estrada arenosa e alva à nossa frente, m as não havia sinal de outro veículo. Os passageiros recuaram com um suspiro de satisfação que parecia fazer troça de m eu desapontam ento. Eu j á m e perguntava o que fazer quando o cocheiro, consultando o relógio, disse aos outros algo que eu m al pude ouvir, pois o tom era grave, e a voz quase um sussurro.

Creio que disse "Um a hora adiantados." Depois, voltando-se para m im , falou, num alem ão pior do que o m eu:

— Não há carruagem aqui. Ninguém espera o *Herr*, afinal. Ele agora vai para Bucovina e volta am anhã ou depois; m elhor depois.

Enquanto falava, os cavalos com eçaram a relinchar, a resfolegar e a corcovear feito loucos, e teve que os controlar. Então, em m eio à gritaria dos cam poneses e à persignação geral, um caleche com quatro cavalos ultrapassou nossa diligência e parou ao lado do cocheiro. À luz de nossas lanternas, pude ver que os anim ais eram pretos com o carvão e esplêndidos. Conduzia-os um hom em alto, com um a barba castanha e com prida e um grande chapéu preto que parecia ocultar-nos seu rosto. Só o que eu conseguia ver era o cintilar de um par de olhos m uito brilhantes, que pareciam verm elhos à luz da lanterna, quando ele se virou para nós. Disse ao cocheiro:

— Está adiantado esta noite, meu amigo.

O hom em gaguej ou ao responder:

— O *Herr* inglês estava com pressa.

O estranho replicou:

— Era por isso, suponho eu, que o senhor queria que ele fosse para Bucovina. Não tem com o m e enganar, am igo. Sei de m uitas coisas, e m eus cavalos são velozes.

Ao dizê-lo, sorriu, e a luz do lam pião ilum inou um a boca de aparência severa, com lábios m uito verm elhos e dentes afiados, brancos com o m arfim . Um de m eus com panheiros sussurrou para o outro um verso de *Lenore*, de Burger:

— "*Denn die Todten reiten schnell*." ["Pois os m ortos viaj am depressa."]

O estranho cocheiro evidentem ente ouviu aquelas palavras, pois olhou para cim a com um sorriso cintilante. O passageiro desviou o rosto, estendendo ao mesmo tempo os dois dedos e persignando-se.

— Dê-m e a bagagem do *Herr* — disse o cocheiro, e com excessivo vigor m inhas valises foram entregues e postas no caleche.

Em seguida, desci pela lateral da diligência, pois o caleche estava parado bem ao lado. O cocheiro m e aj udou, segurando-m e com um punho de aço. Sua força devia ser prodigiosa. Sem dizer um a palavra, sacudiu as rédeas, os cavalos se viraram e m ergulham os na escuridão do desfiladeiro. Ao olhar para trás, vi o ar que saía das narinas dos cavalos à luz dos lam piões, e, recortados contra a claridade, m eus antigos com panheiros fazendo o sinal da cruz. Então, o cocheiro estalou o chicote e gritou com os cavalos, que prosseguiram em seu cam inho rum o a Bucovina. Enquanto desapareciam na escuridão, senti um estranho calafrio e fui tom ado por um a sensação de solidão; m as um m anto foi colocado sobre m eus om bros e um cobertor sobre m eus j oelhos. O cocheiro disse, num alem ão excelente:

— A noite está fria, *mein Herr*, e m eu m estre, o conde, ordenou-m e que tom asse todos os cuidados com o senhor. Há um a garrafa de *slivovitz*, a aguardente de am eixa da região, sob o assento, se o senhor desej ar.

Não bebi, m as era reconfortante saber que a garrafa estava ali. Sentia-m e um pouco estranho e mais do que um pouco assustado. Creio que, se tivesse

havido algum a alternativa, eu a teria escolhido, em vez de seguir naquela desconhecida viagem noturna. A carruagem seguia rapidam ente, e sem pre em frente; depois, fizem os um a volta com pleta e tom am os outra estrada reta. Parecia-m e que estávam os simplesm ente trilhando a m esm a estrada repetidas vezes; portanto, reparei num a pequena saliência no terreno e descobri que era isso que ocorria. Gostaria de perguntar ao cocheiro qual o significado de tudo aquilo, m as na verdade tem ia fazê-lo, pois, em m inha situação, nenhum protesto faria efeito caso ele estivesse deliberadam ente nos atrasando. Logo, contudo, fiquei curioso em saber quanto tem po se passara. Acendi um fósforo e à luz da cham a consultei m eu relógio: faltavam alguns m inutos para a m eia-noite. Descobri-lo foi de certa form a um choque, pois suponho que a superstição com um com relação à m eia-noite aum entara após m inhas experiências recentes. Aguardei, com um a desagradável sensação de expectativa.

Então, um cão com eçou a uivar em algum lugar num a casa de fazenda m ais adiante na estrada — um lam ento angustiado e longo, com o se o anim al sentisse m edo. Outro cão im itou o uivo, e depois outro, e m ais outro, até que, conduzido pelo vento que agora soprava de leve pelo passo, fez-se ouvir um uivo selvagem que parecia vir de todas as partes daquela região, até onde a im aginação podia concebê-la na escuridão da noite. Ao prim eiro uivo, os cavalos com eçaram a corcovear e em pinar, m as o cocheiro falou-lhes com um a voz tranquilizadora e eles se acalm aram , m as trem iam e suavam com o se tivessem acabado de correr em disparada, m ovidos por algum m edo súbito. Então, a distância, vindo das m ontanhas que se erguiam dos dois lados, um uivo m ais alto e m ais agudo fez-se ouvir — o uivo dos lobos, que afetou os cavalos e a m im da m esm a form a, pois eu estava prestes a pular do caleche e sair correndo, enquanto eles em pinavam feito loucos, obrigando o cocheiro a usar de toda a sua enorm e força para im pedir que disparassem . Em poucos m inutos, porém , m eus próprios ouvidos acostum aram -se com o som , e os cavalos se acalm aram , de m odo que o cocheiro pôde descer e parar diante deles. Acariciou-os e os acalm ou, sussurrando qualquer coisa em seus ouvidos, com o eu escutara dizer que faziam os dom adores de cavalos. O efeito foi extraordinário, pois com aquelas carícias os anim ais tornaram -se bastante dóceis novam ente, em bora ainda trem essem . O cocheiro voltou ao assento e, brandindo o chicote, partiu com grande velocidade. Dessa vez, após ter ido até a extrem idade do passo, tom ou subitam ente um a estrada m enor que fazia um a curva fechada à direita.

Logo estávam os rodeados por árvores; em alguns lugares, form avam um arco sobre a estrada, que atravessávam os com o se fosse um túnel. E novam ente rochedos enorm es e som brios erguiam -se dos dois lados. Em bora estivéssem os abrigados, podíam os ouvir o vento, que com eçava a soprar com m ais força e que assoviava entre os rochedos. Os galhos das árvores se entrechocavam enquanto seguíam os pela estrada. A tem peratura baixara e continuou baixando; flocos de neve finos com o poeira com eçaram a cair, e logo nós e tudo o que nos cercava estávam os cobertos por um alvo lençol. O vento forte ainda nos trazia o uivo dos cães, em bora o som ficasse m ais fraco à m edida que avançávam os. O ladrar dos lobos parecia cada vez m ais próxim o, com o se eles nos estivessem cercando por todos os lados. Fiquei apavorado, e os cavalos com partilhavam esse m edo. O

cocheiro, porém , não estava nada perturbado; continuava virando a cabeça para a esquerda e para a direita, m as eu nada conseguia divisar na escuridão.

Subitam ente, m ais à frente à nossa esquerda, vi um a bruxuleante cham a azulada. O cocheiro avistou-a no m esm o instante; deteve im ediatam ente os cavalos e, saltando no chão, desapareceu por entre as trevas. Eu não sabia o que fazer, sobretudo porque o uivo dos lobos se aproxim ava; enquanto refletia, porém , o cocheiro de súbito retornou, instalou-se em seu assento sem dizer um a palavra, e seguim os viagem . Creio que devo ter adorm ecido e continuado a sonhar sobre o incidente, pois ele parecia se repetir sem cessar, e agora, pensando retrospectivam ente no assunto, parece-m e um terrível pesadelo. Certa vez a cham a apareceu tão perto da estrada que, m esm o na escuridão que nos cercava, pude acom panhar os m ovim entos do cocheiro. Ele foi rapidam ente ao local onde a cham a azul brilhava — devia ser m uito fraca, pois não parecia ilum inar em absoluto o espaço ao seu redor — e, j untando algum as pedras, arranj ou-as de um a certa m aneira. Certa vez tive um a estranha ilusão de ótica: quando ele estava entre m im e a cham a, seu corpo não m e obstruiu a visão, pois eu ainda podia divisar da m esm a form a o brilho fantasm agórico. Isso m e alarm ou, m as o efeito foi m om entâneo, e supus que m eus olhos m e iludissem , tentando enxergar na escuridão. Então, durante algum tem po, as cham as azuis desapareceram , e seguim os rapidam ente em m eio às trevas; ainda nos cercava o uivo dos lobos, e era com o se estivessem nos acom panhando num círculo que avançava.

Afinal houve um a ocasião em que o cocheiro afastou-se m ais do caleche do que até então se afastara, e, durante sua ausência, os cavalos com eçaram a trem er m ais do que nunca, relinchando e bufando de m edo. Eu não sabia o m otivo, pois o uivo dos lobos cessara por com pleto, m as, nesse instante, a lua, saindo detrás das nuvens escuras, apareceu por trás do topo serrilhado de um rochedo saliente e coberto de pinheiros. À sua luz pude ver um círculo de lobos ao nosso redor, com dentes brancos e línguas verm elhas pendentes, com pernas com pridas e fortes, e com pelo desgrenhado. Im óveis, naquele silêncio sinistro, eram cem vezes m ais terríveis do que quando uivavam . Senti-m e com o que paralisado de m edo. Som ente quando um hom em se depara com tais horrores, pode com preender sua magnitude.

Os lobos com eçaram todos a uivar, com o se a luz da lua tivesse algum efeito peculiar sobre eles. Os cavalos saltavam e em pinavam , e olhavam desam paradam ente ao redor, m ovendo os olhos de um a form a que dava pena ver. O anel vivo do terror, contudo, cercava-os por todos os lados, e eles eram obrigados a ficar ali. Cham ei pelo cocheiro, pois m e parecia que nossa única chance era tentar sair do círculo e aj udá-lo a voltar. Gritei e golpeei a lateral do caleche, esperando, com o barulho, assustar os lobos que estavam daquele lado e assim dar-lhe um a chance de se aproxim ar. Com o ele chegou até lá não sei, m as ouvi sua voz falando alto, num tom im perativo de com ando, e, olhando na direção do som , vi-o de pé na estrada. Ao agitar seus braços longos, com o se estivesse se livrando de algum obstáculo invisível, os lobos foram aos poucos se afastando. Nesse exato instante, um a nuvem densa cobriu a lua, e a escuridão voltou a reinar.

Quando fui capaz de enxergar novam ente, o cocheiro estava subindo no caleche, e os lobos haviam desaparecido. Foi tudo tão estranho e sinistro que um terror m ortal apossou-se de m im ; eu tinha m edo de falar e de m e m over. O tem po parecia não passar enquanto prosseguíam os pela estrada, agora na m ais com pleta escuridão, pois as nuvens escondiam a lua. Havia trechos de rápido declive, m as, na m aior parte, continuávam os subindo. Subitam ente, m e dei conta de que o cocheiro estava puxando os cavalos no pátio de um am plo castelo em ruínas, de cuj as j anelas altas e negras não saía um único raio de luz, e cuj as am eias quebradas form avam um a linha irregular contra o céu ilum inado pela lua.

Capítulo 2

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER *(CONTINUAÇÃO)*

5 de maio — Devo ter adormecido, pois se estivesse acordado teria percebido que nos aproximávamos de um lugar tão notável. De noite, o pátio parecia consideravelmente grande, e com o vários caminhos escuros saíam dali, sob grandes arcos redondos, talvez desse a impressão de ser maior do que de fato é. Ainda não pude vê-lo à luz do dia.

Quando o caleche parou, o cocheiro pulou para o chão e estendeu-me a mão para me ajudar a descer. Mais uma vez, não pude deixar de notar sua força prodigiosa. Sua mão de fato parecia um torno de aço que teria esmagado a minha se ele quisesse. Apanhou, então, meus pertences, colocando-os no chão ao meu lado, diante de um a porta enorme, velha e crivada com grandes tachas de ferro, que ocupava um vão com extremidades salientes de pedra maciça. Mesmo à luz fraca eu podia ver que a pedra era ricamente entalhada, mas que o entalhe já estava bem gasto pelo tempo e pelo clima. Eu estava ali, de pé, quando o cocheiro subiu de volta ao seu assento e brandiu o chicote; os cavalos puseram-se em movimento e desapareceram num a das aberturas sombrias, junto com o caleche e tudo o mais.

Fiquei onde estava, em silêncio, pois não sabia o que fazer. Não havia sinal de campainha ou de aldrava, e era improvável que minha voz conseguisse atravessar aquelas paredes sombrias e aquelas janelas escuras. Esperei por um tempo que me pareceu infinito, e sentia o medo e as dúvidas aumentarem. A que tipo de lugar eu fora, e com que tipo de gente me meteria? Que espécie de aventura sinistra era aquela em que eu embarcara? Seria um acontecimento corriqueiro na vida de um assistente de procurador enviado para explicar a compra de uma propriedade em Londres a um estrangeiro? Assistente de procurador! Minha não iria gostar disso. Procurador, isso sim — pois logo antes de deixar Londres soube que havia sido bem-sucedido em meus exames; agora *eu* sou procurador de fato! Comecei a esfregar os olhos e a me beliscar para ver se estava acordado. Tudo me parecia um terrível pesadelo, e eu esperava despertar subitamente, em casa, a aurora insinuando-se através das janelas, como algumas vezes acontecia nas manhãs que se sucediam a dias de trabalho excessivo. Minha pele, porém, respondeu ao teste dos beliscões, e meus olhos não estavam enganados. Eu estava mesmo acordado, e no meio dos Cárpatos. Tudo o que agora me restava fazer era ser paciente e esperar a manhã chegar.

No m om ento em que cheguei a essa conclusão, ouvi passos pesados aproxim ando-se por trás da porta enorm e, e vi, através das frestas, um a luz brilhar cada vez m ais perto. Ouvi o ruído de correntes chacoalhando e o clangor de ferrolhos m aciços se abrindo. Um a chave girou na fechadura, rangindo bastante devido ao longo desuso, e a pesada porta se abriu.

Lá dentro estava um hom em alto e idoso, sem barba e com um bigode branco e com prido, vestido de preto da cabeça aos pés. Não havia nele um único detalhe colorido. Tinha nas m ãos um antigo lam pião de prata, em que a cham a queim ava sem m anga ou globo de qualquer tipo e lançava som bras longas e trêm ulas enquanto bruxuleava sob a corrente de ar que vinha através da porta aberta. O velho fez com a m ão direita um gesto cortês, indicando-m e que entrasse, e disse, num inglês excelente, ainda que com entoação estranha:

— Bem -vindo à m inha casa! Entre, por sua livre e espontânea vontade!

Não fez m enção de se aproxim ar para m e encontrar, m as ficou ali com o um a estátua, com o se o gesto de boas-vindas o tivesse transform ado em pedra. No instante em que atravessei a soleira, ele se m oveu para a frente num im pulso; estendendo a m ão, agarrou a m inha com um a força que m e fez estrem ecer, efeito que não foi em nada aliviado pelo fato de parecer fria com o gelo — m ais como a mão de um morto do que de um vivo. Disse, novamente:

— Bem -vindo à m inha casa. Entre por sua vontade. Vá em bora em segurança e deixe um pouco da felicidade que traz.

A força do aperto de m ão era bastante sim ilar àquela que eu notara no cocheiro, cuj o rosto eu não vira, e por um instante perguntei-m e se não seria a m esm a pessoa com quem eu agora falava; para m e certificar, indaguei:

— Conde Drácula?

Ele se curvou, num a m esura cortês, e replicou:

— Sou Drácula. Dou-lhe as boas-vindas à m inha casa, Mr. Harker. Entre. A noite está fria, e o senhor com certeza precisa com er e descansar.

Enquanto falava, colocou o lam pião num nicho na parede, e, adiantando-se, apanhou m inha bagagem . Carregou-a para dentro antes que eu pudesse im pedir. Protestei, m as ele insistiu:

— Não, senhor. O senhor é m eu hóspede. Já é tarde, e m eus criados não estão disponíveis. Deixe que eu mesmo cuide do senhor.

Insistiu em carregar m eus pertences corredor adentro, e depois ao longo de um a grande e sinuosa escadaria, e por outro corredor am plo em cuj o piso de pedra nossos passos ressoavam ruidosam ente. Ao fim , ele abriu um a porta pesada e eu regozij ei-m e ao ver um a sala bem ilum inada, onde havia um a m esa posta para a ceia e em cuj a lareira enorm e crepitava o fogo recém -alim entado com m ais lenha.

O conde se deteve, pôs no chão m inha bagagem , fechou a porta e, atravessando a sala, abriu um a outra, que revelava um a saleta octogonal ilum inada por um único lam pião e aparentem ente desprovida de qualquer tipo de j anelas. Atravessando-a, abriu m ais um a porta, e fez sinal para que eu entrasse. Era um a visão agradável, pois tratava-se de um am plo quarto bem ilum inado e aquecido por um a lareira — à qual tam bém havia sido acrescentada m ais lenha, m as posteriorm ente, pois as achas que estavam por cim a ainda nem haviam

com eçado a queim ar; as cham as crepitavam , num ruído abafado, no interior da larga cham iné. O próprio conde deixou m inha bagagem no quarto e retirou-se, dizendo, antes de fechar à porta:

— Depois de sua viagem , o senhor deve querer se lavar e fazer sua toalete. Creio que aqui vai encontrar todo o necessário. Quando tiver term inado, venha para a outra sala, onde sua ceia estará pronta.

A luz, o calor e a recepção cortês do conde pareciam ter dissipado todos os m eus tem ores e dúvidas. Tendo recobrado m eu estado norm al, descobri que estava fam into. Fiz um a rápida toalete e fui para a outra sala.

Encontrei a ceia sobre a m esa. Meu anfitrião, que estava de pé ao lado da enorm e lareira e apoiava-se na m oldura de pedra entalhada, fez um gesto gracioso com a m ão na direção da m esa, dizendo:

— Peço-lhe que se sente e ceie à vontade. Há de m e perdoar por não o acompanhar, mas ocorre que já jantei, e não tenho o hábito de cear.

Entreguei-lhe a carta selada que Mr. Hawkins m e incum bira de levar. Ele a abriu e leu, com um a expressão grave; depois, com um sorriso am ável, entregou-a a m im para que a lesse. Um a passagem , pelo m enos, fez com que eu vibrasse de satisfação:

> *Lamento que um ataque de gota, doença de que sofro constantemente, proíba-me de empreender qualquer tipo de viagem por um bom tempo. Fico feliz em dizer, porém, que lhe envio um substituto à altura, em quem deposito a maior confiança. Trata-se de um jovem cheio de energia e talento, à sua maneira, e de índole bastante leal. É discreto e silencioso, e chegou à maturidade trabalhando para mim. Estará à sua disposição para ajudá-lo no que for necessário, enquanto for seu hóspede, e receberá suas instruções relativas a todos os assuntos.*

O próprio conde adiantou-se para destam par um a travessa, e eu na m esm a hora pus-m e a devorar um a excelente galinha grelhada. Foi essa a m inha ceia, j unto com um pouco de queij o, um a salada e um a garrafa do velho Tokay, da qual bebi duas taças. Enquanto eu com ia, o conde m e fez m uitas perguntas a respeito da m inha viagem , e aos poucos lhe contei tudo o que m e ocorrera.

A essa altura, eu term inara a ceia e, para atender ao desej o de m eu anfitrião, sentara-m e num a cadeira j unto ao fogo e com eçara a fum ar um charuto que ele m e oferecera — desculpando-se, ao m esm o tem po, por não fum ar. Tive então a oportunidade de observá-lo, e notei que sua fisionom ia apresentava traços bastante expressivos.

Seu rosto tinha um acentuado perfil aquilino, com um nariz m agro e pronunciado, e narinas curvadas de um a form a peculiar; sua testa era larga e arredondada, e o cabelo escasseava nas têm poras, m as era farto no resto da cabeça. Suas sobrancelhas eram m uito densas e quase se encontravam acim a do nariz, com pelos cerrados que pareciam se enrolar, de tão profusos. A boca, até onde eu conseguia vê-la sob o bigode farto, era rígida e de aparência cruel, com dentes brancos e peculiarm ente afiados. Os dentes superiores proj etavam -se sobre os inferiores e apareciam entre os lábios, que eram notavelm ente corados

e revelavam um a surpreendente vitalidade num hom em daquela idade. Quanto ao resto, suas orelhas eram pálidas, com extrem idades bastante pontudas. O queixo era largo e forte, e as m ações do rosto, firm es, ainda que m agras. O efeito geral era da m ais extraordinária palidez.

Eu j á tinha reparado nas costas de suas m ãos, apoiadas em seus j oelhos, à luz da lareira, e elas m e haviam causado a im pressão de ser m uito brancas e delicadas; vendo-as agora de perto, porém , não pude deixar de notar que eram na verdade grosseiras — largas, com dedos curtos. Por m ais estranho que pareça, havia cabelo nas palm as. As unhas eram com pridas e delgadas, com extrem idades pontiagudas. Quando o conde se curvou em m inha direção e suas m ãos m e tocaram , não pude evitar um calafrio. Talvez fosse por causa de seu m au hálito, m as dom inou-m e um a náusea terrível; não consegui disfarçá-la, por m ais que tentasse. O conde evidentem ente notou-a e recuou. Com um sorriso algo sinistro, que revelava m ais seus dentes protuberantes do que até então, voltou a sentar-se do outro lado da lareira. Ficam os em silêncio por algum tem po; enquanto eu olhava na direção da j anela, vi os prim eiros e pálidos raios da aurora que se aproxim ava. Todas as coisas pareciam tom adas por um a estranha quietude, m as logo escutei o uivo de m uitos lobos, com o se viesse do vale lá em baixo. Os olhos do conde brilharam, e ele disse:

— Ouça! Os filhos da noite. Que m úsica eles fazem!

Vendo, suponho, algum a expressão em m eu rosto que lhe era estranha, acrescentou:

— Ah, m eu senhor, os habitantes da cidade não são capazes de com preender os sentim entos de um caçador — e ergueu-se. — Mas o senhor deve estar cansado. Seu quarto está pronto, e am anhã poderá dorm ir até a hora que desej ar. Terei que m e ausentar até a tarde. Durm a bem , então, e tenha bons sonhos!

Com um a m esura cortês, ele próprio abriu-m e a porta para a saleta octogonal, e entrei em m eu quarto...

Estou à deriva num m ar de estranhezas. Tenho dúvidas, tenho m edos, tenho pensam entos esquisitos que não ouso confessar à m inha própria alm a. Que Deus me proteja, ao menos em nome daqueles que me são queridos!

7 de maio — É novam ente de m anhã cedo, m as descansei e m e diverti durante as últim as 24 horas. Dorm i até tarde ontem e acordei na hora que bem entendi. Depois de ter m e vestido, fui até a sala onde havia ceado e encontrei um desj ej um frio sobre a m esa e café quente, pois a cafeteira estava perto da lareira. Havia um cartão sobre a m esa, e nele estava escrito:

"*Terei de me ausentar por algum tempo. Não espere por mim.* — D."

Sentei-m e à m esa e com i um a farta refeição. Em seguida, procurei por um a cam painha, a fim de inform ar aos criados que havia term inado, m as não encontrei. Há com certeza algum as curiosas deficiências nesta casa, considerando-se as extraordinárias evidências de riqueza que m e cercam . Os talheres e o serviço de chá são de ouro e trabalhados de form a tão bela que devem ter um valor enorm e. As cortinas, o estofado das cadeiras e dos sofás e o

cortinado de m inha cam a são confeccionados nos tecidos m ais esplêndidos, e deviam ter um valor fabuloso em sua época, pois têm séculos de existência, em bora estej am em excelente estado. Acho que vi algo sem elhante na Corte de Ham pton, m as lá estão velhos, puídos e roídos pelas traças. Ainda assim , porém , em nenhum dos côm odos há espelhos. Nem m esm o em m eu toucador, de m odo que tive de apanhar em m inha valise o espelhinho para poder m e barbear ou pentear os cabelos. Ainda não vi criados em parte algum a, tam pouco ouvi nos arredores do castelo qualquer som , à exceção do uivo dos lobos. Um pouco depois de ter concluído m inha refeição — não sei se a cham o de desj ej um ou de j antar, pois foi feita entre as cinco e as seis horas da tarde —, procurei algo para ler; não queria sair peram bulando pelo castelo antes de ter pedido a perm issão do conde. Não havia na sala livros, j ornais ou m esm o papel e tinta para escrever; então, abri outra porta e deparei-m e com um a espécie de biblioteca. Tentei abrir a porta na outra extrem idade, m as estava trancada.

Ali encontrei, para m inha grande satisfação, um vasto núm ero de livros ingleses, prateleiras inteiras cheias desses volum es, e revistas e j ornais encadernados. Um a m esa no centro estava repleta de revistas e j ornais da Inglaterra, em bora nenhum m uito recente. Os livros eram sobre os m ais variados tem as — história, geografia, política, econom ia política, botânica, geografia, direito — todos concernentes à Inglaterra, bem com o à vida, aos hábitos e aos costum es daquele país. Havia até m esm o livros de referência, tais com o a lista de endereços de Londres, guias de ruas, o *Almanaque Whitaker*, a lista dos oficiais do Exército e da Marinha, e — de certa form a m eu coração alegrou-se ao vê-lo — a lista da sociedade jurídica.

Enquanto eu olhava os livros, a porta se abriu, e o conde entrou. Saudou-m e cordialm ente, dizendo que esperava que eu tivesse repousado bem . E prosseguiu:

— Fico satisfeito que tenha encontrado a biblioteca, pois estou certo de que m uita coisa aqui há de interessá-lo. Estes com panheiros — disse, colocando a m ão sobre alguns livros — têm sido bons am igos para m im , e durante alguns anos, desde que m e ocorreu a ideia de ir para Londres, têm m e proporcionado m uitas horas de prazer. Foi através deles que vim a conhecer sua grande Inglaterra, e conhecê-la é am á-la. Estou ansioso por andar pelas ruas populosas da m agnífica Londres, estar no m eio do turbilhão e da correria da hum anidade, com partilhar sua vida, suas m udanças, sua m orte, e tudo o que a faz ser o que é. Mas ai de m im !, até o m om ento só conheço seu idiom a através dos livros. Conto com o senhor, m eu am igo, para aprender a falar direito.

— Mas conde — disse eu —, o senhor com preende e fala o inglês com perfeição!

Ele fez um a m esura, com ar grave.

— Agradeço-lhe, m eu am igo, por sua opinião lisonj eira dem ais, m as receio que eu tenha avançado bem pouco nessa estrada. É verdade que sei a gram ática e as palavras, mas ainda não sei como pronunciá-las.

— Na verdade o senhor tem um a pronúncia excelente — disse eu.

— Nem tanto assim — retrucou ele. — Bem , sei que se eu andasse por Londres e falasse com a gente dali, todos saberiam que sou estrangeiro. Isso não é o suficiente para m im . Aqui, sou um nobre; sou um boiardo; a gente do povo

m e conhece, e sou eu quem m anda. Mas um estrangeiro num a terra estranha não é ninguém ; os hom ens não o conhecem , e não o conhecer significa não se im portar com ele. Ficarei contente se for igual aos outros, se ninguém parar ao m e ver, ou interrom per sua fala se ouvir m inhas palavras, "Rá, rá, um estrangeiro!". Tenho sido senhor durante tanto tem po que quero continuar a sê-lo; ou pelo m enos garantir que ninguém venha a querer m andar em m im . O senhor não veio até aqui som ente com o agente de m eu am igo Peter Hawkins, de Exeter, para m e falar sobre m inha nova propriedade em Londres. Irá, acredito eu, perm anecer aqui com igo por um tem po, para que através de nossas conversas eu possa aprender seu sotaque inglês. E quero que o senhor m e avise quando com eter algum erro, m esm o o m ais insignificante, ao falar. Sinto m uito por ter tido que ficar fora durante tanto tem po, hoj e, m as sei que o senhor há de perdoar alguém que tem tantos assuntos im portantes para tratar.

É claro que m e m ostrei inteiram ente disponível e perguntei-lhe se poderia ir à biblioteca sem pre que quisesse.

— Certam ente que sim — disse ele. — Pode ir aonde desej ar no castelo, exceto onde as portas estiverem trancadas, m as é claro que nesses côm odos o senhor não há de querer entrar. Há razões para que as coisas sej am assim , e, se o senhor pudesse ver através de m eus olhos e saber o que sei, talvez com preendesse melhor — acrescentou.

Eu disse que não tinha dúvidas de que sim , e ele prosseguiu:

— Estam os na Transilvânia, e a Transilvânia não é a Inglaterra. Nossos costum es não são com o os seus, e o senhor há de achar m uitas coisas estranhas. Pelo que m e contou de suas experiências, j á tem um a ideia do que pode encontrar.

Isso levou a um a longa conversa. Com o era evidente que ele queria falar, m esm o que só pelo prazer da conversa, fiz-lhe m uitas perguntas sobre casos que j á m e haviam ocorrido ou de que eu tom ara conhecim ento. Às vezes ele se desviava do assunto, ou m udava o rum o da conversa fingindo não com preender o que eu dizia, m as em geral respondia a tudo o que perguntava com bastante franqueza. Então, à m edida que o tem po passava e eu m e tornava um pouco m ais audacioso, fiz-lhe perguntas sobre alguns dos estranhos acontecim entos da noite anterior — com o, por exem plo, o m otivo por que o cocheiro fora até os locais onde vira as cham as azuis. Ele então m e explicou que em geral acreditava-se que num a certa noite do ano — a noite passada, na verdade, quando um poder ilim itado fora concedido a todos os espíritos m aléficos — um a cham a azul era vista sobre os lugares onde houvesse tesouros enterrados.

— É quase certo — prosseguiu ele — que os tesouros estej am escondidos na região pela qual o senhor passou ontem à noite, pois foi disputada por valáquios, saxões e turcos durante m uitos séculos. Dificilm ente há um palm o de terra em toda esta região que não tenha sido lavado pelo sangue dos hom ens, patriotas e invasores. Nos dias de outrora havia épocas m ovim entadas, quando os austríacos e os húngaros vinham em hordas e os patriotas saíam para com batê-los. Hom ens e m ulheres iam à luta, e velhos e crianças tam bém . Aguardavam a chegada do inim igo nos rochedos acim a dos desfiladeiros, e assim podiam destruí-los com avalanches artificiais. Quando o invasor triunfava, encontrava pouca coisa, pois,

o que quer que houvesse antes, havia sido enterrado.

— Mas com o pode ter ficado tanto tem po oculto — perguntei —, quando há indicações seguras sobre sua localização e quando basta os hom ens se darem ao trabalho de ir procurar?

O conde sorriu, e seus lábios deixaram à m ostra as gengivas com caninos longos e pontudos proj etando-se de form a estranha. Respondeu:

— Porque os cam poneses são no fundo covardes e tolos! Essas cham as só aparecem durante um a noite, e nessa noite hom em algum se aventura fora de casa, se puder evitá-lo. E m esm o que fosse, m eu caro senhor, não saberia o que fazer. Ora, nem m esm o o cam ponês que o senhor m e diz ter m arcado o local da cham a saberia onde procurar, à luz do dia, as pedras que ele próprio dispôs. Nem mesmo o senhor, ouso afirmá-lo, seria capaz de encontrar esses locais.

— Isso com certeza — disse eu. — Eu saberia tanto quanto um m orto onde com eçar a procurar.

E passam os a outros assuntos. Afinal, ele m e pediu:

— Vam os, fale-me de Londres e da casa que encontrou para m im .

Desculpando-m e por m eu descuido, fui até m eu quarto buscar os papéis que trazia na m ala. Enquanto os organizava ouvi um ruído de prataria e porcelana, vindo da sala ao lado. Ao atravessá-la, notei que a m esa havia sido lim pa e o lam pião, aceso, pois a essa altura j á estava bastante escuro. Lam piões tam bém foram acesos no escritório ou biblioteca, e encontrei o conde estendido no sofá, lendo nada m ais nada m enos do que um *Guia Bradshaw da Inglaterra.* Quando entrei, ele retirou os livros e os papéis de cim a da m esa; com eçam os a analisar j untos plantas, escrituras e todo tipo de cifras. Ele se interessava por tudo e m e fez inúm eras perguntas sobre o local e seus arredores. Ficou claro que estudara antes tudo o que podia no que dizia respeito à vizinhança, pois evidentem ente, ao final das contas, sabia m uito m ais do que eu. Quando lhe cham ei a atenção para esse fato, ele retrucou:

— Certo; m as, m eu am igo, é claro que eu teria que saber! Quando for para Londres, estarei sozinho, e m eu am igo Harker Jonathan... não, perdoe-m e, é o velho hábito de colocar o sobrenom e prim eiro; m eu am igo Jonathan Harker não estará ao m eu lado para m e corrigir e aj udar. Estará em Exeter, a quilôm etros dali, provavelm ente lidando com seus assuntos j urídicos j unto com m eu outro amigo, Peter Hawkins. Pois então!

Discutim os detalhadam ente a com pra da propriedade em Purfleet. Quando o coloquei a par dos fatos e ele assinou os papéis necessários, e depois que escrevi um a carta para a rem essa dos docum entos, pronta para ser enviada a Mr. Hawkins, ele com eçou a m e perguntar com o eu encontrara local tão adequado. Li para ele as anotações que havia feito à época e que agora transcrevo aqui:

> *Em Purfleet, numa rua transversal, encontrei uma propriedade que me parece perfeitamente adequada e na qual havia um aviso já bem estragado anunciando que estava à venda. É cercada por um muro alto, de estrutura antiga, construído com grandes pedras, e não vê uma reforma há muitos anos. Os portões fechados são de carvalho, antigo e pesado, e de ferro todo comido pela ferrugem.*

A propriedade chama-se Carfax, sem dúvida uma corruptela do antigo Quatre Face, pois a casa tem quatro fachadas, de acordo com os pontos cardeais da bússola. Tem ao todo cerca de oito hectares, e em toda a extensão é circundada pelo sólido muro de pedra mencionado acima. Há muitas árvores na propriedade, o que a torna sombria em certos pontos, e há um açude ou pequeno lago bem fundo e escuro, que evidentemente é alimentado por algumas nascentes, pois a água é limpa e corre num riacho de tamanho considerável. A casa é bem grande, construída em estilos de várias épocas; remonta, eu diria, à Idade Média, pois uma parte é de pedra muito espessa, com apenas algumas janelas no alto, todas com grossas grades de ferro. Parece ser parte de uma torre, e fica junto a uma velha capela ou igreja. Não me foi possível entrar ali, pois eu não tinha a chave que dava acesso àquela parte da casa, mas tirei fotografias de vários ângulos com minha Kodak. A casa foi anexada a essa torre, mas de forma bastante irregular, e só o que posso fazer são estimativas sobre a quantidade de metros quadrados que ocupa; devem ser muitíssimos. Há poucas casas nas proximidades — uma delas é bem grande e só recentemente foi ampliada e transformada num asilo particular para loucos. Não é visível, contudo, da propriedade em questão.

Quando term inei, ele disse:

— Fico feliz que sej a antiga e grande. Eu próprio venho de um a fam ília antiga, e m orar num a casa nova seria horrível. Um a casa não tem com o se tornar habitável num único dia; e, afinal de contas, poucos dias se som am para fazer um século. Tam bém m e agrada que haj a um a capela com o as de outrora. Nós, nobres da Transilvânia, não gostam os de im aginar que nossos cadáveres ficarão entre os da plebe. Não busco a alegria e o j úbilo, tam pouco a voluptuosidade do sol brilhando e refletindo-se nas águas, que agradam aos que são j ovens e alegres. Já não sou j ovem , e m eu coração, que através de tristes anos vem pranteando os m ortos, não está habituado ao j úbilo. Além disso, as paredes de m eu castelo estão rachadas; as som bras são m uitas, e o vento sopra frio entre as frestas das am eias e dos caixilhos das j anelas. Gosto das som bras e prefiro poder ficar a sós com m eus pensam entos sempre que quiser.

De certo m odo, suas palavras e a expressão de seu rosto pareciam estar em desacordo, ou então eram as feições que faziam com que seu sorriso parecesse m aligno e sombrio.

Logo em seguida ele m e deixou, desculpando-se e pedindo que eu j untasse todos os m eus papéis. Ausentou-se durante algum tem po, e com ecei a folhear alguns dos livros ao m eu redor. Um deles era um atlas, que descobri abrir-se facilm ente nas páginas que tratavam da Inglaterra, com o se aquele m apa tivesse sido m uito usado. Ao abri-lo, descobri que em certas partes havia pequenos círculos m arcados, e, exam inando-os, notei que um ficava nos arredores de Londres, a leste, precisam ente onde sua nova propriedade estava situada. Os outros dois eram Exeter e Whitby, na costa de Yorkshire.

Quase um a hora se passara quando o conde voltou.

— Ahá — disse ele —, ainda m etido com os livros? Ótim o! Mas o senhor não deve trabalhar o tempo todo. Venha comigo; fui informado de que sua ceia está

pronta.

Tom ou-m e o braço e fom os para a sala contígua, onde vi que um a ceia excelente havia sido posta. O conde tornou a se desculpar, pois havia j antado fora de casa. Sentou-se com o na noite precedente, porém , e conversou enquanto eu com ia. Depois da ceia, fum ei, com o na véspera, e o conde perm aneceu em m inha com panhia, conversando e fazendo perguntas sobre todos os assuntos im agináveis, durante horas a fio. Senti que estava de fato ficando bem tarde, m as nada disse, pois m e sentia na obrigação de atender aos m enores desej os de m eu anfitrião. Eu não tinha sono; ter dorm ido até tarde na véspera fortalecera-m e, m as não pude deixar de perceber aquele frio que se apossa das pessoas quando a aurora se aproxim a e que é, à sua m aneira, com o a m udança da m aré. Dizem que os m oribundos norm alm ente m orrem ao raiar do dia ou na m udança da m aré. Qualquer um que, estando cansado m as não podendo abandonar seu posto, tenha vivido essa m udança na atm osfera, há de acreditar. De repente, ouvim os o canto estridente de um galo, que chegava até nós de m aneira sobrenatural através do lím pido ar da m anhã. O conde Drácula, pondo-se de pé num salto, disse:

— Ora, j á é de m anhã novam ente! Com o sou descuidado, fazendo com que o senhor fique acordado até tão tarde. Trate de fazer com que as conversas sobre m eu novo e querido país, a Inglaterra, fiquem m enos interessantes, para que eu não me esqueça de como o tempo voa.

Com um a m esura cortês, rapidam ente deixou-m e.

Fui para o m eu quarto e abri as cortinas, m as havia pouca coisa para ver. Minha j anela dava para o pátio, e tudo o que eu podia ver era o cinza cálido no céu que clareava. Então tornei a fechá-las e fui escrever m eus relatos sobre este dia.

8 de maio — Com ecei a recear que estivesse m e detendo dem ais nos detalhes, ao escrever neste caderno. Agora, no entanto, fico satisfeito por ter desde o princípio registrado cada porm enor dos acontecim entos, pois há algo de tão estranho neste castelo e em todas as coisas que existem nele que não posso evitar um a sensação de desconforto. Gostaria de estar a salvo fora daqui ou que j am ais tivesse vindo. Talvez essa estranha existência noturna estej a m e afetando; m as quem m e dera que isso fosse tudo! Se houvesse alguém com quem conversar, eu poderia suportar, m as não há ninguém . Meu único interlocutor é o conde, e ele...! Tem o ser eu a única alm a viva neste lugar. Serei prosaico até onde podem ser os fatos; isso vai m e aj udar a suportar esta situação, e a im aginação não deve correr solta em m inha m ente. Se o perm itir, estarei perdido. Direi logo em que pé estão as coisas — ou parecem estar.

Dorm i apenas um as poucas horas quando fui para a cam a, e, sentindo que não conseguiria dormir mais, levantei-me. Pendurara meu espelho junto à janela e com eçava a m e barbear. Subitam ente, senti que punham a m ão em m eu om bro, e ouvi a voz do conde a m e dizer um bom -dia. Fiquei surpreso, pois m e intrigava o fato de não tê-lo visto, j á que o reflexo do espelho abarcava todo o quarto às m inhas costas. Com o susto, cortara-m e de leve, m as não reparei na hora. Tendo respondido à saudação do conde, voltei-m e de novo para o espelho a

fim de m e certificar de que estava enganado. Desta vez não podia haver dúvidas, pois ele estava perto de m im , e eu podia vê-lo sobre m eus om bros. Sua im agem , porém , não estava refletida no espelho! Todo o quarto atrás de m im aparecia ali, m as não havia sinal de hom em algum ali, exceto eu. Isso era assustador, e, som ado a tantas outras coisas estranhas, com eçava a fazer crescer aquele vago desconforto que eu sem pre sentira na presença do conde; m as nesse instante vi que o corte sangrara um pouco, e que o sangue escorria-m e pelo queixo. Pus de lado a navalha e m e virei com o intuito de procurar algum em plastro. Quando o conde viu m eu rosto, seus olhos brilharam com um a espécie de fúria dem oníaca, e ele estendeu a m ão para agarrar m eu pescoço. Afastei-m e, e sua m ão tocou o rosário onde estava pendurado o crucifixo. Isso causou nele um a m udança im ediata, pois a fúria dissipou-se tão rapidam ente que eu m al poderia acreditar que ele a tivesse dem onstrado antes.

— Tom e cuidado — disse ele. — Tom e cuidado para não se cortar. Aqui nesta região isso é m ais perigoso do que você im agina.

Em seguida, apoderando-se do espelho de barbear, prosseguiu:

— E eis aqui o m aldito obj eto que lhe causou esse m al. É um ridículo instrum ento da vaidade hum ana. Fora com ele!

Abrindo a pesada j anela com um golpe de sua m ão terrível, atirou para fora o espelho, que se partiu em m il pedaços nas pedras do pátio, lá em baixo. Com isso, ele se retirou sem dizer um a palavra. Isso m e aborreceu bastante, pois agora não sei com o irei m e barbear, a não ser que recorra à caixa do m eu relógio ou ao fundo da bacia de barbear, que felizm ente é de m etal.

Quando cheguei à sala de j antar, o desj ej um estava posto, m as não encontrei o conde em parte algum a. Com i sozinho, então. É estranho que até o m om ento eu não tenha visto o conde com er ou beber coisa algum a. Deve ser um hom em bem peculiar! Depois do desj ej um , explorei um pouco o castelo. Fui até as escadas e encontrei um a sala que dava para o sul. A vista era m agnífica, e de onde eu estava era possível apreciá-la na íntegra. O castelo fica à beira de um terrível precipício. Um a pedra que caísse da j anela despencaria por centenas de m etros antes de tocar no que quer que fosse. Até onde alcançam os olhos há um m ar de copas verdes de árvores, e ocasionalm ente um intervalo aberto por um a fenda profunda. Aqui e ali, veem -se fios prateados de rios serpenteando em ravinas profundas através da floresta.

Não estou, contudo, num estado de espírito propício à descrição de belezas, pois após apreciar a vista continuei explorando o castelo: portas, portas, portas em toda parte, todas trancadas e com ferrolhos. Não há qualquer possível saída do castelo, exceto pelas janelas.

Trata-se de um a verdadeira prisão, e eu sou um prisioneiro!

Capítulo 3

DIÁRIO DE JONAT HAN HARKE R *(CONTINUA ÇÃ O)*

Quando m e dei conta de que era um prisioneiro, um a espécie de loucura se apossou de m im . Subia e descia as escadas, tentando abrir todas as portas e espiando por todas as j anelas que encontrava, m as, pouco depois, a convicção de minha impotência suplantou todos os outros sentimentos.

Ao olhar para trás, agora que j á se passaram algum as horas, acho que devo ter ficado tem porariam ente louco, pois agia com o um rato preso num a ratoeira. Quando m e convenci de que era im potente, porém , sentei-m e calm am ente — tão calm am ente quanto j am ais fizera qualquer coisa na vida — e com ecei a ponderar o que seria m elhor fazer. Ainda estou refletindo e não cheguei a qualquer conclusão definitiva. Tenho um a única certeza: não adianta revelar m eus pensam entos ao conde. Ele bem sabe que sou um prisioneiro. Ele próprio m e prendeu aqui, e sem dúvida tem seus m otivos, de m odo que só faria m e enganar se eu lhe confessasse tudo. Até onde posso enxergar, m eu único plano será o de guardar m eu conhecim ento e m eus tem ores com igo, e m anter os olhos abertos. Sei m uito bem que ou estou sendo ludibriado por m eus m edos, com o um bebê, ou então estou m esm o em apuros. Se a segunda hipótese for a verdadeira, precisarei usar a cabeça para sair desta arm adilha.

Mal chegara a essa conclusão quando ouvi a grande porta no andar de baixo fechar-se e soube que o conde tinha voltado. Não veio im ediatam ente até a biblioteca, então fui com cuidado até m eu quarto e encontrei-o fazendo a cam a. Isso era estranho, m as confirm ava m inhas suspeitas: não havia criados na casa. Quando o vi m ais tarde, através da fresta nas dobradiças da porta, pondo a m esa na sala de j antar, não tive m ais dúvidas. Se ele próprio realiza essas tarefas dom ésticas, significa que não há m ais ninguém para assum i-las. Essa constatação m e encheu de terror, pois, se não há m ais ninguém no castelo, significa que devia ser o próprio conde o cocheiro que m e trouxe até aqui. É um pensam ento terrível, pois, se isso é verdade, com o devo encarar o fato de ele ser capaz de controlar os lobos sim plesm ente erguendo a m ão em silêncio, com o fez? Por que toda aquela gente em Bistrita e na diligência havia tem ido tanto por m im ? O que significou ter ganhado o crucifixo, o alho, a rosa-selvagem , a sorveira? Bendita sej a aquela boníssim a m ulher que pendurou o crucifixo no m eu pescoço! Tocá-lo m e traz força e m e reconforta. É curioso que um obj eto que m e acostum ei a encarar desfavoravelm ente e com o um sinal de idolatria venha a significar aj uda

num m om ento de dificuldade e de solidão. Será porque há algo na própria essência do obj eto, ou será porque é um m eio, um auxílio tangível para despertar m em órias de solidariedade e conforto? Em algum m om ento, se possível, devo investigar este assunto e tentar chegar a algum a conclusão. Por ora, devo descobrir o que for possível sobre o conde Drácula, pois assim talvez possa entender tudo isto m elhor. Hoj e à noite ele talvez fale sobre si m esm o, se eu conduzir nesse sentido a conversa. Devo tom ar m uito cuidado, porém , para não levantar suspeitas.

Meia-noite — Tive um a longa conversa com o conde. Fiz-lhe algum as perguntas sobre a história da Transilvânia, e ele se entusiasm ou m uito com o assunto. Ao falar de fatos e pessoas, e sobretudo de batalhas, dava a im pressão de ter estado ele próprio presente. Isso ele explicou em seguida, dizendo que, para um boiardo, o orgulho de sua casa e de seu nom e é o seu próprio orgulho pessoal, que a glória de seus antepassados é sua própria glória, e que o destino deles é o seu próprio destino. Todas as vezes que falava de sua casa, dizia "nós", e usava o plural, com o se fosse um rei. Eu gostaria de poder registrar tudo exatam ente com o ele disse, pois para m im foi fascinante. Naquele relato parecia inscrever-se toda a história do país. Ele foi ficando m ais anim ado enquanto falava, e andava pelo aposento m exendo no bigode branco e agarrando obj etos que suas m ãos tocavam com o se fossem esm agá-los com sua força descom unal. Entre tudo o que disse, há algo que vou transcrever com o m áxim o possível de fidelidade, pois narra, à sua própria m aneira, a história de sua raça:

— Nós, *szeklers*, tem os o direito de nos sentirm os orgulhosos, pois em nossas veias corre o sangue de m uitas raças valentes que travaram lutas acirradas pelo poder. Aqui, neste redem oinho de raças europeias, a tribo úgrica trouxe da Islândia o espírito guerreiro que lhe foi dado por Thor e Odin, e que os escandinavos dem onstraram com tão cruel propósito no litoral da Europa, e tam bém da Ásia e da África, a ponto de os povos daquelas regiões acharem que estavam sendo atacados por verdadeiros lobisom ens. Aqui, tam bém , quando chegaram encontraram os hunos, cuj a fúria guerreira varrera a terra com o um incêndio, a ponto de a gente que m orria acreditar que nas veias de seus inim igos corria o sangue daquelas antigas feiticeiras que, expulsas da Cítia, acasalavam -se com os dem ônios nos desertos. Tolos, tolos! Que dem ônio ou feiticeira algum dia foi tão grande quanto Átila, cuj o sangue corre nestas veias? — Ele ergueu os braços. — Não é de se adm irar que fôssem os um a raça de conquistadores; que tivéssem os orgulho; que quando os m agiares, os lom bardos, os avares, os búlgaros e os turcos chegavam aos m ilhares a nossas fronteiras nós os obrigássem os a dar m eia-volta. Não é de se estranhar que, quando Arpad e suas legiões varreram a pátria dos húngaros, ele nos tenha encontrado ao chegar à fronteira, e que as Honfoglalas tenham tido lugar então. E quando a horda dos húngaros seguiu rum o a leste, os *szeklers* foram considerados pertencentes à m esm a raça pelos vitoriosos m agiares, e a nós foi confiada durante séculos a guarda da fronteira do im pério turco; sim , e m ais do que isso, a interm inável tarefa da guarda da fronteira, pois, com o dizem os turcos, "as águas dorm em , m as os inim igos estão em perm anente vigília". Entre as quatro nações, ninguém

recebeu com m ais satisfação do que nós a "espada sangrenta", ou correu m ais rápido para j unto do estandarte do rei ao som de seu grito de guerra. Quando foi redim ida aquela grande vergonha de m inha nação, a vergonha de Cassova, quando as bandeiras dos valáquios e dos m agiares tom baram sob o Crescente? Quem , senão um hom em de m inha raça, cruzou o Danúbio em Voivode e derrotou os turcos em sua própria terra? Era de fato um Drácula! Foi um a enorm e desgraça que, após sua queda, seu próprio irm ão, criatura torpe, tenha vendido seu povo aos turcos e o condenado à vergonha da escravidão! Não foi com certeza esse Drácula o que inspirou um outro de sua raça que, m ais tarde, levou repetidas vezes suas forças a cruzarem o rio; aquele que, um a vez derrotado, retornava, e retornava, e retornava, em bora tivesse que regressar sozinho do cam po sangrento onde suas tropas estavam sendo dilaceradas, pois sabia que som ente ele poderia, ao fim , triunfar! Dizem que ele só pensava em si. Bah! Para que servem os cam poneses sem um líder? Onde term ina a guerra sem um cérebro e um coração para conduzi-la? Novam ente, quando, após a batalha de Mohács, nos libertam os do j ugo dos húngaros, nós, os Drácula, estávam os entre os líderes, pois nosso espírito não podia tolerar que não fôssem os livres. Ah, j ovem senhor, os *szeklers*, e os Drácula com o o sangue de seu coração, seu cérebro e sua espada, podem se gabar de um a história de glórias que os Habsburgo e os Rom anov j am ais conhecerão. Os dias de guerra term inaram . O sangue é algo de m uito precioso nestes dias de vergonhosa paz, e as glórias das grandes raças são como uma lenda.

A essa altura, j á am anhecia, e fom os dorm ir. (*Nota:* este diário se parece terrivelm ente com o com eço de *As mil e uma noites*, pois tudo tem que se interrom per quando o galo canta — ou com o fantasm a do pai de Ham let.)

12 de maio — Quero com eçar pelos fatos — fatos sim ples, atestados pelos livros e pelos cálculos, e acerca dos quais não pode haver dúvidas. Não devo confundi- los com experiências que terão que depender de m inha própria observação ou de m inha m em ória. Quando, na noite passada, o conde veio de seu quarto, com eçou a m e fazer perguntas sobre questões j urídicas e sobre a realização de certo tipo de negócios. Eu passara o dia m etido nos livros de contabilidade, e, sim plesm ente para m anter m inha m ente ocupada, discorri sobre alguns dos tem as que tinham feito parte de m eu exam e em Lincoln's Inn. As perguntas do conde seguiam um certo m étodo, de m odo que tentarei registrá-las na ordem ; o conhecim ento talvez venha a m e ser útil, de certa forma ou em certo m om ento.

Prim eiro, ele perguntou se é possível, na Inglaterra, ter dois ou m ais procuradores. Disse-lhe que poderia ter um a dúzia, se desej asse, m as que não seria prudente ter m ais de um procurador envolvido num a dada transação, pois apenas um poderia agir de cada vez, e m udar de um para o outro com certeza seria prej udicial a seus interesses. Ele pareceu com preender perfeitam ente e prosseguiu, perguntando se haveria dificuldades práticas em ter um a pessoa para cuidar, por exem plo, das questões bancárias, e outra para cuidar das rem essas de m ercadorias, no caso de algum a aj uda local ser necessária num lugar distante da residência do procurador bancário. Pedi-lhe que m e explicasse m elhor, para que eu não corresse o risco de lhe dar um a explicação errada. Ele disse, então:

— Darei exem plos. Nosso am igo Peter Hawkins, que vive à som bra da bela catedral de Exeter, distante de Londres, com pra para m im , por interm édio do senhor, um a propriedade em Londres. Certo. Agora, deixe-m e dizê-lo com franqueza, caso contrário o senhor há de achar estranho que eu tenha ido buscar os serviços de alguém que está tão distante de Londres em vez de procurar alguém que residisse na cidade: o que m e m otivou foi fazer com que nenhum interesse local prevalecesse, m as tão som ente o m eu desej o. Com o alguém que reside em Londres poderia, talvez, ter algum obj etivo pessoal ou algum am igo que gostaria de aj udar, fui procurar m eu agente em outra região, a fim de garantir que seus trabalhos atendam exclusivam ente a m eus interesses. Suponham os, agora, que eu, que tenho m uitos negócios, quisesse despachar m ercadorias para, digam os, Newcastle, ou Durham , ou Harwich, ou Dover. Não seria m ais conveniente contratar um procurador residente num a dessas cidades portuárias?

Respondi que certam ente seria, m as que nós, advogados, adotam os um sistem a de reciprocidade, de m odo que um serviço local pode ser realizado a partir de instruções de qualquer procurador. O cliente pode, então, colocar-se nas m ãos de um único profissional e ter seus interesses atendidos sem m aiores problemas.

— Mas eu teria a liberdade de com andar eu m esm o os negócios, não? — indagou ele.

— É claro que sim — repliquei. — Essa é um a conduta frequente da parte de hom ens de negócios que não querem que todos os detalhes de suas transações venham a ser conhecidos por quem quer que sej a.

— Ótimo.

O conde prosseguiu, perguntando sobre as form as de fazer consignações e as form alidades a cum prir, e sobre todo tipo de dificuldades que poderiam surgir, m as que poderiam ser evitadas se de antem ão certas m edidas fossem tom adas. Expliquei-lhe tais assuntos valendo-m e de toda a m inha com petência, e ele m e deu a im pressão de que seria um ótim o advogado, pois não deixou de prever um único detalhe. Para um hom em que j am ais havia estado na Inglaterra, e que evidentem ente não lidava m uito no ram o dos negócios, seu conhecim ento e sagacidade eram im pressionantes. Quando se viu satisfeito com relação aos pontos que m encionara, e depois que verifiquei tudo da m elhor form a possível nos livros disponíveis, ele subitam ente pôs-se de pé e disse:

— O senhor escreveu algum a outra carta, além daquela prim eira, a Mr. Peter Hawkins ou a qualquer outro am igo seu?

Foi com certo rancor em m eu coração que lhe respondi que não escrevera, pois até então não vira qualquer oportunidade de enviar cartas a quem quer que fosse.

— Escreva agora, então, m eu j ovem am igo — disse ele, pousando sua m ão pesada sobre m eu om bro. — Escreva a seu am igo, ou a outro qualquer, dizendo, se estiver de acordo, que ficará com igo por m ais um mês.

— Desej a que eu fique tanto tem po assim ? — perguntei, pois m eu coração enregelou diante da perspectiva.

— Desej o m uito, e não aceitarei recusas. Quando seu m estre, patrão, sej a lá

o que ele for, com prom eteu-se a enviar alguém em seu lugar, ficou acertado que som ente m inhas necessidades seriam levadas em conta. Não poupei despesas. Não é verdade?

O que m ais podia eu fazer além de aquiescer, com um a m esura? Eram os interesses de Mr. Hawkins, não os m eus, e eu tinha que pensar nele, não em m im . Além do m ais, enquanto o conde Drácula falava, havia em seus olhos e em sua atitude algo que m e recordava que eu era um prisioneiro, e que não m e restavam escolhas. O conde viu sua vitória em m inha m esura, e, na expressão perturbada do m eu rosto, a certeza de que era ele quem ditava as regras, pois com eçou no m esm o instante a dem onstrar seu poder, ainda que daquela sua form a serena e irresistível:

— Peço-lhe, m eu j ovem am igo, que não discorra em suas cartas sobre outros assuntos além dos negócios. Sem dúvida seus am igos ficarão satisfeitos em saber que o senhor encontra-se bem e que está ansioso em voltar para j unto deles. Não é isso?

Ao falar, estendeu-m e três folhas de papel finíssim o e três envelopes tam bém m uito finos. Quando olhei para eles e depois para o conde, percebendo seu sorriso silencioso com os dentes caninos e pontiagudos proj etando-se sobre o lábio verm elho, com preendi tão bem quanto se ele o tivesse dito que eu deveria tom ar cuidado com o que escrevesse, pois ele facilm ente poderia ler m inhas cartas. Decidi, então, escrever apenas cartas curtas e form ais por ora, m as escrever secretam ente a Mr. Hawkins contando os m ínim os detalhes, e tam bém a Mina, pois para ela eu poderia taquigrafar, o que im pediria que o conde com preendesse a carta, caso viesse a lê-la. Após ter escrito m inhas duas cartas sentei-m e em silêncio, lendo um livro enquanto o conde escrevia várias cartas, consultando, ao escrever, alguns livros que estavam sobre a m esa. Depois pegou m inhas duas cartas e colocou-as entre as suas, deixando papel, tinta e todos os outros apetrechos sobre a m esa. Inclinei-m e sobre eles no instante em que a porta se fechou atrás do conde, e exam inei as cartas, que estavam com a face voltada para baixo. Não m e senti constrangido em agir assim , pois, dadas as circunstâncias, sentia que devia m e proteger de todas as form as possíveis.

Um a das cartas estava endereçada a Sam uel F. Billington, Crescent, 7, Whitby, e outra a Herr Leutner, Viena; a terceira era para Coutts & Co., Londres, e a quarta para Herren Klopstock & Billreuth, banqueiros, Budapeste. A segunda e a quarta não estavam lacradas. Eu estava prestes a abri-las quando vi a m açaneta da porta se m over. Endireitei-m e no m eu assento, tendo tem po apenas de colocá-las de volta da form a com o estavam e retom ar m eu livro antes que o conde, com um a outra carta nas m ãos, entrasse na biblioteca. Pegou as cartas sobre a mesa, selou-as cuidadosamente e, virando-se para mim, disse:

— Tenho certeza de que irá m e desculpar, m as tenho m uito trabalho a fazer esta noite. Encontrará tudo o que for de seu agrado, assim espero.

Chegando à porta, voltou-se e disse, após um a pequena pausa:

— Quero aconselhá-lo, m eu j ovem am igo... ou, m elhor dizendo, quero adverti-lo com grande seriedade: caso saia destes aposentos, não deve em nenhum a hipótese dorm ir em qualquer outra parte do castelo. É m uito velho, e tem m uitas m em órias, e sonhos ruins estão reservados àqueles que forem